
A cobertura jornalística da morte de Daniele Alves Lopes pelo programa *Aqui Agora* e o papel do jornalismo na divulgação de suicídios¹

Luisa Andrade FERREIRA²
Beatriz Motta BRANDÃO³
Hannabella Costa QUEIROZ⁴
Lara Gama Santoro MOREIRA⁵
Yasmin GATTO⁶

Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

Resumo

A partir da análise da transmissão ao vivo do suicídio da jovem Daniele Alves Lopes pelo programa *Aqui Agora*, do SBT, que volta à grade de programação da emissora em 2025, ressurgem a necessidade de debater sobre qual o espaço que a morte auto-infligida deve ter nos produtos jornalísticos. O artigo analisará o caso sob a perspectiva do enquadramento noticioso e do manual da ONU para jornalistas sobre a prevenção do suicídio. Assim, busca-se destacar os erros, as consequências e, principalmente, como um jornal pode agir de forma adequada em situações como a de Daniele.

Palavra-chave: suicídio; enquadramento noticioso; interpretação; manual; jornalismo.

Introdução

A abordagem do suicídio no jornalismo é uma questão cercada de muitas complexidades, devido ao potencial impacto da exposição midiática sobre pessoas vulneráveis. O assunto exige tratamento cuidadoso pela mídia, conforme alertam a Organização Mundial de Saúde (OMS) e a Organização das Nações Unidas (ONU). Há veículos que optam por não noticiar casos de suicídio, a menos que envolvam pessoas famosas, enquanto outros seguem uma linha editorial que permite a cobertura irrestrita.

A escolha desta temática surgiu de uma inquietação ao entrar em contato com o manual para profissionais da mídia sobre prevenção do suicídio, publicado pela ONU. A leitura do documento provocou a seguinte indagação: como a imprensa brasileira lida com casos de suicídio e em que medida segue as orientações propostas?

¹ Trabalho apresentado na IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: luisaandrade1803@gmail.com.

³ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: beatrizmottabrandao@gmail.com.

⁴ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: hannabhellaqueiroz@gmail.com.

⁵ Estudante de Graduação, 7º Semestre, do Curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UFES, e-mail: laragama2002@gmail.com.

⁶ Orientadora do trabalho e professora do Curso de Comunicação Social da UFES, e-mail: yasmin.cardoso@ufes.br.

Optou-se por analisar um caso emblemático do jornalismo brasileiro: o suicídio de Daniele Alves Lopes, transmitido ao vivo em 1993 pelo *Aqui Agora*, programa do SBT. A retomada do telejornal em 2025 reacende o debate sobre o sensacionalismo que marcou a década de 1990 e levanta a questão sobre possíveis repetições dos mesmos erros. Este artigo busca analisar a cobertura do caso à luz das diretrizes da ONU para a prevenção do suicídio na mídia, com foco no enquadramento jornalístico.

Metodologia

A escolha do caso de Daniele Alves Lopes deu-se devido aos seguintes fatores: 1) o caráter anti-ético da transmissão da morte auto-infligida; 2) a possibilidade de aspectos passíveis de análise, possibilitando a comparação dos quadros com a maneira com que foi feita a transmissão, abordando os princípios do manual da ONU.

Para alcançar o objetivo proposto, a metodologia utilizada foi a análise do enquadramento. Inicialmente estudado pela psicologia social, o enquadramento foi sendo gradativamente aplicado nas ciências sociais e nos estudos sobre a mídia⁷, concretizando, assim, a metodologia do “enquadramento noticioso”. Nesse sentido,

O jornalista, quando identifica um evento noticiável, mobiliza uma cadeia de percepções, que vão do repertório de sua experiência individual até as molduras produzidas à escala da sua comunidade interpretativa profissional e àquelas molduras pré-definidas no âmbito do meio em que trabalha (editorias, linha editorial, linguagem do veículo etc.) (Antunes, 2009, p. 86).

Dessa maneira, os fatos noticiados vão sendo enquadrados pelos jornalistas seguindo as linhas editoriais dos veículos em que trabalham e seus repertórios socioculturais individuais. Robert M Entman (1993) afirma que

[...] enquadrar é selecionar alguns aspectos da realidade percebida e salientá-los em um texto comunicativo, de forma a promover uma definição do problema, identificar suas causas, avaliar moralmente os indivíduos envolvidos e recomendar soluções (Entman, 1993, p. 52, tradução nossa).

⁷ Gaye Tuchman, socióloga renomada, foi a primeira pessoa a aplicar os enquadramentos ao jornalismo, afirmando que notícias carregam os quadros que definem e constroem a realidade. Ela considera a notícia como uma ação negociada construída ao redor do enquadramento definido graças a escolhas como o que noticiar, como, quando, com quais fontes etc. (Tuchman, 1993).

Tais fatores resultam na elaboração e identificação dos quadros. Cada indivíduo pode defini-los de formas distintas, evidenciando a pluralidade de interpretação e significação dos fatos. A análise deles possibilita entender os sentidos atribuídos para ações e atores sociais pelo conteúdo jornalístico. Diante disso, trata-se de

uma abordagem apropriada para o estudo de matérias jornalísticas, produzindo resultados que põem em evidência os vieses implícitos na sua produção. Trata-se de uma abordagem que salienta o caráter construído da mensagem, revelando a sua retórica implícita, entranhada em textos supostamente objetivos, imparciais e com função meramente referencial. [...] Ao desenvolver a análise, o pesquisador identifica as estratégias textuais e as representações contidas em um *corpus*, podendo estabelecer, por exemplo, contrastes entre coberturas diferentes, as quais, a uma simples leitura, podem parecer semelhantes (Soares, 2006, p. 2).

Assim, a análise de enquadramento possibilita um estudo aprofundado dos sentidos empregados pelo telejornal para noticiar o suicídio de Daniele. Esses sentidos formam os quadros que passam a integrar o imaginário da audiência e influenciar a maneira com que ela enxerga os envolvidos deste caso específico e o suicídio em geral.

Outrossim, trazer o manual complementa a análise, possibilitando abordar o que é recomendável noticiar e como. A elaboração do manual se deu no contexto da criação do programa *Suicide Prevention Program* (SUPRE), iniciativa da OMS para a prevenção do suicídio. Seu objetivo era envolver comunicadores na promoção de abordagens éticas, cautelosas e preventivas, diante de evidências de que determinadas práticas, como a linguagem sensacionalista ou o detalhamento de métodos, podem incentivar comportamentos imitativos, especialmente entre pessoas vulneráveis.

Estudos como o do “efeito *Werther*” reforçam a necessidade de diretrizes internacionais para o jornalismo. Assim, o manual surge como um guia, apresentando medidas aos profissionais que precisam lidar com a veiculação desses casos. Dessa maneira, busca-se não somente apontar erros, mas mostrar como podem ser solucionados em uma cobertura ética que se preocupa com a integridade da vida.

O programa *Aqui Agora*

O *Aqui Agora* é um telejornal popular do SBT que teve sua primeira versão de 1991 a 1997. Na época, apresentava o slogan: “um telejornal vibrante, uma arma do

povo, que mostra na TV a vida como ela é” e baseava sua linha editorial na cobertura de casos de polícia, eventos sobrenaturais e direitos do consumidor (Amaral, 2006).

Exibido de segunda a sexta no fim da tarde, o programa durava uma hora. Segundo o Ibope, conquistou uma média de 15 pontos de audiência na primeira fase. Em alguns casos excepcionais chegou à marca de 20 pontos de audiência.

Segundo Márcia Franz Amaral (2006), o programa buscava conquistar as classes C, D e E. Em 1992, o SBT encomendou uma pesquisa para entender a opinião sobre o jornal. Os resultados foram publicados na Revista Veja, mostrando que agradava a audiência por: “não ser comprometido com segmentos de maior poder político”, “não enganar ou desfocar a realidade” e por ser “um reflexo do que acontece nas ruas, orientando o público a lidar com a crescente onda de criminalidade” (Silveira, 2007).

O jornal baseava-se em uma lógica dramatizada que transforma fatos em ficção, organizando tragédias como espetáculo (Silveira, 2007). O sensacionalismo, com apelo à emoção, e a priorização de temas impactantes, se tornaram parte da identidade do programa, o que evidencia as escolhas narrativas do caso de Daniele.

A cobertura do suicídio de Daniele

Em 5 de julho de 1993, Daniele Alves Lopes, de 16 anos, suicidou-se ao pular do sétimo andar de um prédio em São Paulo, fato exibido no *Aqui Agora* – não sendo exibido por outras emissoras. Ela permaneceu por 15 minutos no parapeito e se atirou de uma altura de 25m. O programa era apresentado por Ivo Morganti e Christina Rocha, e o fato foi coberto pelo repórter Sérgio Frias e pelo cinegrafista José Meraio, que mostraram quando Daniele se jogou, cortando a imagem logo antes do impacto. A equipe estava na área, e chegou ao mesmo tempo com os bombeiros e paramédicos.

Segundo o Ibope, a reportagem aumentou o número de telespectadores em 33,5%. A exibição, que durou 10 minutos, apresentou audiência média de 20 pontos (5 a mais do que o normal), o que correspondia a cerca de 800 mil domicílios. Tal número de espectadores era grande em comparação com outros jornais do SBT e de outras emissoras, ameaçando a liderança da Rede Globo na cidade.

A Justiça condenou o SBT a pagar indenização de 15 mil salários mínimos, totalizando R\$1,05 milhão, à família da vítima, por danos morais. O pedido foi realizado pelos pais, ao afirmar que o SBT teria utilizado imagens dos pais e da irmã de

Daniele indevidamente. A emissora também teve que pagar os honorários dos advogados da família, com o valor de 10% da indenização.

Cobertura de casos de suicídio

É necessário cuidado ao noticiar suicídios; como cita Patrick Alif Fertrin Batista (2019), “de todos os tipos de morte – violenta ou natural – a que mais merece silêncio por parte dos meios de comunicação é, sem dúvida, o suicídio” (p. 13). Há casos em que o suicídio pode ser noticiado⁸; contudo, cabe diferenciar interesse público da curiosidade perversa (Bucci, 2006, *apud* Velho & Couto, 2018). Ana Carla Barbosa e Rômulo Ogasawara citam que o tema deve ser “abordado com clareza, segurança e competência” (Barbosa & Ogasawara, 2010, p. 9): deve ser evitada uma abordagem sensacionalista, evitando a publicação da cena e de detalhes do método (OMS, 2000).

Como destacado por Mauro Porto (2002) e Luana Meneguelli Bonone (2021), os enquadramentos são instrumentos de poder baseados em ideologias compartilhadas. Quando sentidos são reforçados ou omitidos, a mídia atua como mediadora de representações sociais. Logo, quadros carregam intenções no formato, fontes e elementos destacados na narrativa, sendo crucial para entender os impactos da mídia.

A forma como a mídia trata o suicídio deve sofrer alterações, para que tais mudanças sejam vistas na sociedade. Emissoras são pontos substanciais no momento de refletir como a audiência percebe o suicídio (Sandoval, 2015). Segundo George Gerbner (1986), quanto mais tempo as pessoas são expostas a determinados conteúdos, mais acreditam que é “normal”. Assim, a partir do momento em que um veículo noticia um suicídio, a população supõe que é normal e que não necessita qualquer cuidado maior.

Cabe mencionar que os casos mais noticiados de suicídio são os mais letais e atípicos. Como apontam Merike Sisask e Airi Värnik:

Vários estudos revelaram como reportagens midiáticas tendem a “promover” métodos de suicídio dramáticos e altamente letais (queimaduras, queimaduras com carvão, tiros, pulos, suicídios em metrô e ferrovias). Notícias não representam dados oficiais de suicídios e tendem a exagerar suicídios sensacionalistas (Sisask & Värnik, 2021, p. 133, tradução nossa).

⁸ O texto Prevenção do Suicídio: Manual para Jornalistas cita alguns casos nos quais o suicídio pode ser noticiado: “quando quem faleceu é uma figura pública ou celebridade; o suicídio foi precedido por um crime; o suicídio foi um ato terrorista; o suicídio teve impacto diretamente uma comunidade; mas também erradamente, como sensacionalismo e clickbait” (Pedro, Silva, Barbosa & Pires, 2021).

Outrossim, a OMS cita: “os casos mostrados na mídia são quase que invariavelmente atípicos ou incomuns. Então, mostrá-los como típicos perpetua ainda mais a desinformação sobre o suicídio” (OMS, 2000). Logo, a cobertura de casos incomuns – como o de Daniele – leva a sociedade a chegar a conclusões erradas sobre o suicídio. Além disso, Jane Pirks e Richard Warwick Blood (2001) apontam como a cobertura recorrente e descontextualizada contribui para o esvaziamento simbólico do impacto que os eventos deveriam provocar. Quando o suicídio é mostrado como consequência de problemas pontuais, como o fim de um relacionamento, sem a devida contextualização, cria-se uma narrativa simplificada que reforça a ideia de aceitabilidade.

A exposição a tais relatos atua como dessensibilização simbólica, na qual o suicídio deixa de ser percebido como tragédia passível de enfrentamento coletivo, tornando-se parte do fluxo normal noticioso. Segundo David Phillips (1974), ainda que a repercussão possa induzir imitação, como aponta o efeito *Werther*, o impacto maior está na transformação da percepção pública. Tal transformação discursiva, ao reduzir a gravidade do problema, fragiliza os esforços sociais de prevenção e reforça a ideia de que não há muito a ser feito, o que representa um risco ético e coletivo significativo.

Análise da cobertura

O sensacionalismo, viés com informações tendenciosas buscando atenção e choque, é danoso à imagem do jornalismo como autoridade. Sua aplicação relaciona-se mais com uma possível comercialização da matéria, ao invés de uma preocupação a respeito da qualidade da pauta e do valor que deve trazer ao público, pois

O sensacionalismo se presta a informar mais para satisfazer as necessidades instintivas do público, por meio de formas sádicas e espetaculares, expondo pessoas ao ridículo. As matérias têm o tempo e a duração que forem necessários, desde que mantenham o receptor interessado naquilo que é mostrado, garantindo a audiência (Patias, *apud* Coelho, 2006, *apud* Lugão, 2010).

Veículos sensacionalistas constroem narrativas envolventes, com linguagem apelativa que faz o receptor se imaginar na situação apresentada. Programas como o *Aqui Agora* exageram fatos, visando despertar comoção, usam linguagem dramática e focam em violência, priorizando a emoção em detrimento da informação.

A exibição do suicídio de Daniele foi sensacionalista e antiética, em comparação com as teorias supracitadas. Em um trecho da exibição⁹, Ivo Morganti realiza a chamada, dizendo: “É terrível: daqui a pouco o *Aqui Agora* vai mostrar as imagens chocantes de uma jovem pulando para a morte. Atenção: são imagens exclusivas que não recomendamos para crianças nem para pessoas sensíveis”. Percebe-se que termos foram ditos para prender a atenção do público e reforçar o impacto – são os termos “terrível”, para introduzir a chamada, e “chocantes”, para descrever as imagens. Ademais, o apresentador aponta que o vídeo apresentado é exclusivo, com o intuito de dar mais evidência para o mesmo e de destacar-se em relação a outras emissoras.

Como cita Danilo Rothberg (2007), o enquadramento jornalístico se constrói via operações de seleção, exclusão e ênfase, que conferem sentidos aos acontecimentos. Assim, a ênfase dada à exclusividade e a repetição da cena do parapeito são elementos que indicam uma escolha editorial do jornal voltada ao impacto emocional, o que já compromete a abordagem ética de um tema sensível como o suicídio.

Apesar dos diversos erros na cobertura do suicídio de Daniele, pode-se pontuar um acerto, que é o aviso dado por Ivo Morganti antes de chamar a reportagem. O correto seria não veicular as imagens, como aponta Larissa de Moraes Ribeiro Mendes (2022, p. 470) em suas recomendações sobre o que evitar em coberturas de suicídios: “que não se publiquem fotos do(a) suicida, da cena, cartas ou detalhes do método”. Mostrar o vídeo, além de expor imagens fortes, desconsidera a dor dos familiares e amigos de Daniela, que pode ser exacerbada ao assistirem as cenas. Também de acordo com o Manual da OMS (2000), a equipe deveria ter demonstrado empatia pelos entes, o que não foi identificado ao longo do programa. Contudo, já que foi realizada a decisão de transmiti-las, cabe adicionar que são imagens fortes, não recomendadas para crianças ou pessoas sensíveis, para que tais telespectadores sejam protegidos. Em contrapartida, o aviso pode servir como prova de que o SBT tinha consciência de que publicar o vídeo era algo controverso, mas decidiu veicular apesar de tais ressalvas.

A cobertura também cita que a menina suicidou-se por causa de problemas amorosos, o que é antiético. Segundo Larissa de Moraes Ribeiro Mendes (2022, p. 470),

⁹ Trecho da reportagem disponível no link: https://www.reddit.com/r/LostMediaEsp/comments/1egb5a6/aqui_agora_1993_su3c1d1o_ao_vivo_caso_daniele/?share_id=OEAOcN7JlvWsgymui8oDh&utm_content=1&utm_medium=android_app&utm_name=androidcss&utm_source=share&utm_term=1. É importante destacar que o último *take* mostrado (minuto 1:11) não é referente ao suicídio de Daniele – foi realizada uma montagem com outro vídeo.

ainda em seu texto apresentando o que deve ser evitado, “que o suicídio jamais seja mostrado como um modo de lidar com problemas”. Ademais, o texto *Prevenção do Suicídio: Manual para Jornalistas* complementa: “É essencial não cair no erro de dar um tom simplista a uma notícia de suicídio ligando-o a uma causa única” (Pedro, Silva, Barbosa & Pires, 2021, p. 30).

Tal redução do ato evidencia o enquadramento episódico criticado por Shanto Iyengar (1990). O autor alerta para os riscos do formato, muito usado no telejornalismo, que trata problemas sociais como eventos isolados de fatores estruturais. Isso significa apresentar o suicídio como decisão individual motivada por episódio emocional, reforçando a invisibilidade de fatores como transtornos mentais, exclusão e falta de políticas públicas de cuidado. Novamente contrariando o recomendado pelo Manual da OMS (2000), o programa *Aqui Agora* não apresenta nenhuma lista de serviços de saúde mental ou contatos onde pessoas com comportamentos suicidas podem buscar ajuda. Essa postura apenas reforça que a escolha de transmitir o suicídio de Daniele teve apenas o objetivo de aumentar a audiência do programa.

Considerações Finais

A partir dos pontos supracitados, percebe-se que a cobertura não foi realizada eticamente, apresentando falhas como: sensacionalismo; apelo emocional; exibição do método; veiculação de imagem do momento do suicídio; falta de preocupação com familiares e amigos da vítima; apresentação de motivação única; desconsideração do suicídio como questão social; falta de indicação de recursos para ajudar pessoas com problemas de saúde mental.

Cabe destacar que uma produção realizada com mais calma, sem tanta preocupação com o furo, seria ideal. Dessa forma, seria possível revisar as questões éticas sobre o caso, contextualizar o suicídio sob uma perspectiva clínica e social – não apenas considerando o caso específico de Daniele – e educar o público sobre o suicídio, assim encorajando aqueles em risco de suicídio a procurar ajuda (OMS, 2000). No entanto, a abordagem do *Aqui Agora*, focada primordialmente em dar a notícia primeiro e em chocar o público, desconsidera tais fatores, buscando maior audiência e interação.

Por fim, infere-se que o suicídio pode ser um tema jornalístico, desde que seja abordado de forma ética, cuidadosa, discreta e sem exagero, como cita o manual para

jornalistas da Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP). Além disso, a cobertura eficaz do suicídio pode ser um mecanismo aliado à prevenção e à educação (OMS, 2000), já que há espaço para a construção de uma narrativa que gere identificação com o espectador, que pode estar passando por vivências semelhantes (Mendes, 2022).

Referências

AMARAL, Márcia Franz. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ANTUNES, Elton. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 18, p. 85-99, dez. 2009.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSIQUIATRIA. **Comportamento Suicida: Conhecer para Prevenir**. Disponível em: http://www.proec.ufpr.br/download/extensao/2017/abr/suicidio/manual_cpto_suicida_conhecer_prevenir.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2025.

BARBOSA, A. C; OGASAWARA. R. Jornalismo e Suicídio: Ética e Noticiabilidade. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2010, Caxias do Sul. **Anais do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/r5-3072-1.pdf>>. Acesso em: 17 mai. 2025.

BATISTA, P. A. F. **Agendamento midiático e o tratamento de temas estigmatizados: o fenômeno suicídio nos enunciados jornalísticos de istes de notícia em Campo Grande**. 2019. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Cuiabá, 2019.

BONONE, Luana Meneguelli. Construção de método para pesquisas de Frame Analysis. **Estudos em jornalismo e mídia**, v. 13, n. 2, p. 78-87, 2016.

ENTMAN, Robert M. Framing: Toward Clarification of a Fractured Paradigm. **Journal of Communication**, dez. 1993, v. 43, n. 4, p. 52-58.

GERBNER, George; GROSS, Larry; MORGAN, Michael; SIGNORIELLI, Nancy. Living with television: The dynamics of the cultivation process. In: BRYANT, Jennings; ZILLMANN, Dolf (Org.). **Perspectives on media effects**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum, 1986. p. 17-40.

IYENGAR, Shanto. **The accessibility bias in politics: television news and public opinion**. **International Journal of Public Opinion Research**. Vol. 2, n. 1, 1990, p. 1-15.

LUGÃO, Ana Luiza. **Jornalismo Sensacionalista: o programa Brasil Urgente em cena**. Trabalho de Conclusão de Curso. Centro Universitário de Brasília, 2010.

MENDES, Larissa de Moraes Ribeiro. A imprensa e o tabu do suicídio: uma proposta de rediscussão do tema. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 19, n. 56, p. 454-474, set./dez. 2022.

MKVIDEO. **Aqui agora 1993 su3c1d1o ao vivo caso danielle Alves Lopes video reconstituição lost media**. 30 jul. 2024. Reddit: u/mkvideo. Disponível em: <https://www.reddit.com/r/LostMediaEsp/comments/legb5a6/aqui_agora_1993_su3c1d1o_ao_

vivo_caso_daniele/?share_id=OEAOQCn7JlvWsgymui8oDh&utm_content=1&utm_medium=android_app&utm_name=androidcss&utm_source=share&utm_term=1>. Acesso em: 27 mai. 2025.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Prevenção do suicídio: um manual para profissionais da mídia**. 1 ed. Genebra: 2000. Disponível em: <https://iris.who.int/bitstream/handle/10665/67604/WHO_MNH_MBD_00.2_por.pdf>. Acesso em: 25 mai. 2025.

PEDRO, J. C.; SILVA, S. F.; BARBOSA, P.; PIRES, A. M. **Prevenção do Suicídio: Manual para Jornalistas**. 1 ed. Nov. 2021. Disponível em: <<https://prevenirsuicidio.pt/manual-para-jornalistas/>>. Acesso em: 1 jun. 2025.

PHILLIPS, David P. The influence of suggestion on suicide: Substantive and theoretical implications of the Werther effect. **American Sociological Review**, v. 39, n. 3, p. 340-354, 1974.

PIRKIS, Jane; BLOOD, R. Warwick. Suicide and the media: Part I. Reportage in nonfictional media. **Crisis**, v. 22, n. 4, p. 146-154, 2001.

PIRKIS, Jane; BLOOD, R. Warwick. Suicide and the media: Part II. Portrayal in fictional media. **Crisis**, v. 22, n. 4, p. 155-162, 2001.

PORTO, Mauro. Enquadramentos da Mídia e Política. In: XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS), 2002, Caxambu. **Anais do XXVI Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (ANPOCS)**. Caxambu: Anpocs, 2002. Disponível em: <http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&-task=doc_view&gid=4400&Itemid=217>. Acesso em: 17 mai. 2025.

SANDOVAL, Eduardo. Impacto dos meios de comunicação de massa sobre a opinião pública: os perigos da adolescência. **Diversitas: perspectivas em psicologia**, v. 11, n. 1, p. 37-49, 2015.

SILVEIRA, Karine. **A notícia como espetáculo**. Comunicação Social Jornalismo-Pedra Branca, 2007.

SISASK, Merike; VÄRNIK, Airi. Media Roles in Suicide Prevention: A Systematic Review. **International Journal of Environmental Research and Public Health**, v. 9, p. 123-138, 2012.

SOARES, Murilo Cesar. **Análise de Enquadramento**. Métodos e técnicas de pesquisa em Comunicação, 2 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismos: Questões, Teorias e Estórias**. Lisboa: Vega, 1993. p. 74-90.

VELHO, Luiz Fernando; COUTO, Nadia. **O jornalismo e o tema suicídio: uma análise à luz dos valores-notícia**. Disponível em: <<http://www.site.satc.edu.br/admin/arquivos/31350/luiz-fernando-velho.pdf>>. Acesso em: 25 mai. 2025.